

In: Estudos Afro-Asiáticos, v. 33, nº. 1-2-3.
Rio de Janeiro: CEAA-UCAM, 2011, pp. 173-195. ISSN 0101-546X.

O Saara Oriental: coreanos no Rio de Janeiro e as interfaces entre imigração, mercado e religião

Hauley Silva Valim¹
Felipe Berocan Veiga²
Neiva Vieira da Cunha³

Resumo

Este artigo visa analisar as relações entre processos migratórios, mercado e religião, por meio da inserção de um grupo de coreanos no espaço urbano carioca, tomando como campo empírico e cenário o Saara, mercado popular localizado no centro do Rio de Janeiro. A partir de trabalho de campo de caráter etnográfico realizado por Hauley Silva Valim, sob orientação dos professores Neiva Vieira da Cunha e Felipe Berocan Veiga, buscamos descrever e analisar as rotas e estratégias de imigração, as relações dos coreanos residentes no Rio de Janeiro com a expressiva colônia localizada na região central da cidade de São Paulo, especialmente no bairro do Bom Retiro, assim como as redes de sociabilidade e solidariedade responsáveis pela introdução e adaptação dos coreanos a um segmento comercial específico no mercado popular do Saara: as lojas de confecção feminina. Nosso argumento central é que as relações entre mercado e religião foram fundamentais para a constituição da colônia coreana no Rio de Janeiro, que teve como consequência a criação de uma rede que não só serviu de apoio às primeiras gerações de coreanos, como também estabeleceu um contexto favorável para o deslocamento de seus descendentes para outras áreas profissionais e econômicas, explicando, em parte, a gradativa diminuição da presença coreana no comércio do Saara.

Palavras-chave: Saara, Imigração Coreana, Mercado Popular, Religião e Etnicidade.

Abstract

This article intends to analyze the relationship between the migration processes, the market and religion, through the inclusion of a group of koreans in the urban space of Rio de Janeiro,

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Bacharel em Ciências Sociais pelo IH-UCAM e em Teologia pelo STBSB. Pesquisador associado ao Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal/UMESP e ao Instituto Arthur Tupinambá de Arqueologia e Etnologia.

² Doutor e Mestre em Antropologia pelo PPGA/UFF, professor do Departamento de Sociologia da UFF, pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro/IFCS-UFRJ e do InEAC/ICHF-UFF.

³ Doutora e Mestre em Antropologia pelo PPGSA/IFCS-UFRJ, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas/UERJ, pesquisadora do Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro/IFCS-UFRJ e do InEAC/ICHF-UFF.

using the popular market Saara, located in downtown Rio, as the empirical field and scenario. Using the field research of an ethnographic character which was conducted by Hauley Silva Valim, under the guidance of professors Neiva Vieira da Cunha and Felipe Berocan Veiga, we try to describe and analyze the routes and strategies of immigration, the relationships between the Korean residents in and the significant Korean colony located in the downtown area of São Paulo, especially in the neighborhood of Bom Retiro, as well as the sociability and solidarity networks responsible for the Koreans' introduction and adaptation in a specific commercial segment in the popular market Saara: female clothing stores. Our main argument is that the Korean colony in Rio de Janeiro, which resulted in the creation of a network that not only served to support the first generations of Koreans, but also established a favorable context for the displacement of their descendants to other professional and economical areas, partly explaining the gradual decrease of the Korean presence in the Saara's trade.

Key-words: Saara, Korean Immigration, Popular Market, Religion and Ethnicity.

Resumé

Cet article a pour objectif d'analyser les relations entre processus migratoires, marché et religion, en accompagnant l'insertion d'un groupe de Coréens dans l'espace urbain *carioca*, en prenant comme champ empirique et scénario le Saara, marché populaire localisé au centre de Rio de Janeiro. A partir d'un travail de terrain à caractère ethnographique réalisé par Hauley Silva Valim, sous l'orientation des professeurs Neiva Vieira da Cunha et Felipe Berocan Veiga, nous avons cherché à décrire et analyser les routes et stratégies d'immigration, les liens des Coréens résidents à Rio de Janeiro avec l'expressive colonie située dans la région centrale de la ville de São Paulo, spécialement dans le quartier du Bom Retiro, et aussi les réseaux de sociabilité et solidarité responsables de l'introduction et l'adaptation des Coréens à un segment spécifique du marché populaire du Saara: les boutiques de confection féminine. Notre argument central est que les relations entre marché et religion ont été fondamentales pour la constitution de la colonie coréenne de Rio de Janeiro. Cela eu pour conséquences la création d'un réseau qui a servi d'appui aux premières générations de Coréens, et l'établissement d'un contexte favorable au déplacement de leurs descendants vers d'autres branches professionnelles et économiques. Cela explique, en partie, la diminution graduelle de la présence coréenne au commerce du Saara.

Mots-clés: Saara, Immigration Coréenne, Marché Populaire, Religion et Ethnicité.

"A fronteira étnica canaliza a vida social."

(Fredrik Barth)

Introdução

O tema deste artigo é, de algum modo, consequência do que podemos definir como um “acaso frutífero” da pesquisa. Definido por Robert Merton como “padrão de serendipidade” ou *serendipity* (Merton, 1968:173-174), esses acasos ocorrem sempre que fatos inesperados ganham importância e significado, e acabam por reorientar o sentido da investigação, dando origem a novas questões sociológicas. No caso aqui analisado, isso aconteceu a partir do desenvolvimento de um projeto de pesquisa⁴ que tomava como campo empírico o mercado popular do Saara⁵, uma das mais tradicionais e dinâmicas áreas de comércio popular da cidade do Rio de Janeiro. Originalmente ocupada por imigrantes portugueses e espanhóis na virada do século XIX para o XX, essa região caracterizou-se pelo acolhimento de várias levas de estrangeiros como sírios, libaneses, armênios, além de judeus de diversas origens, e, mais recentemente, dos chamados “asiáticos”⁶.

Nesse projeto buscávamos, inicialmente, analisar as formas de representação social dessa área de comércio e sua relação com os distintos grupos étnicos que haviam, historicamente, constituído esse lugar na cidade. Com o desenvolvimento da pesquisa, começamos a perceber que a presença dos coreanos no comércio do Saara se dava de uma forma particular. Identificados como a última leva de imigrantes que chegaram ao Saara, sua presença era pequena, quase discreta, e seus negócios se concentravam no setor de confecções femininas (Foto 1). Dentre as questões que a pesquisa etnográfica colocava, foram as relações étnico-religiosas articuladas às atividades do mercado que nos levaram a perguntar sobre o lugar que os coreanos ocupavam naquele espaço comercial.⁷ Além disso, entre os grupos étnicos que compunham presentes naquela praça de mercado, os coreanos eram aqueles que

⁴ O projeto “Saara: reinventando ambiências urbanas e etnicidades num mercado popular do Rio de Janeiro” foi desenvolvido no Laboratório de Pesquisa do Instituto de Humanidades/IH-UCAM entre 2005 a 2008, sob a coordenação dos professores Neiva Vieira da Cunha e Felipe Berocan Veiga, contando com a participação de Hauley da Silva Valim, Edilaine Quintanilha, Carolina Ana Magalhães, Cristiano Cardoso, Elisa dos Anjos e Karina Arroyo como alunos do curso de Ciências Sociais em iniciação científica. Como resultado do projeto e dos exercícios etnográficos, foi produzida uma série de trabalhos de curso e de monografias sobre o Saara.

⁵ O termo Saara refere-se tanto a um lugar, uma área de mercado, quanto à *Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega*, a associação local. No primeiro caso, e distintamente do uso empregado pela sociedade de comerciantes em seus meios de comunicação (rádio, televisão, boletins informativos, etc.), preferimos utilizar o gênero masculino, tal como a população carioca pratica para referir-se ao lugar.

⁶ Categoria geral usada pelos comerciantes locais para se referirem tanto aos chineses quanto aos coreanos.

⁷ Para pensarmos na relação entre economia e religião em contexto urbano, uma referência importante são os trabalhos etnográficos produzidos por Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello e José Flávio Pessoa de Barros sobre o Mercadão de Madureira. VOGEL, MELLO & BARROS, 1987 e 1998.

ainda não haviam sido tomados como objeto pelas pesquisas até aquele momento, em decorrência, sobretudo, de sua reserva no que diz respeito às relações sociais e às suas formas de sociabilidade local, além das barreiras linguísticas. Curiosos pelo processo de inserção desse grupo étnico desde nossas primeiras visitas a campo, fomos percebendo que a grande maioria dos coreanos proprietários de lojas de roupas femininas ali estabelecidos eram filiados à Igreja Missionária Oriental do Rio de Janeiro – IMORJ.⁸

F. B. Veiga, 18/Fev/2006.



Foto 1 – Comerciante coreana trabalhando no balcão de sua loja no Saara.

Durante a pesquisa, através do contato direto e da realização das primeiras entrevistas com os coreanos do Saara, fomos observando que a memória compartilhada pelo grupo sobre a experiência da imigração, da constituição das redes de sociabilidade e das relações de parentesco pareciam estar imbricadas, de alguma forma, à experiência de pertencimento à IMORJ. Todos esses aspectos remetiam a um só fenômeno, cujas dimensões se sobrepunham, constituindo uma espécie de *fato social total* (Mauss, 2003:187). A partir dessa percepção,

⁸ Grupo religioso sediado inicialmente na Tijuca e, hoje, em Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro, com o qual Hauley Valim mantinha relações de proximidade desde o ano de 2003, atuando como estagiário do curso de Graduação em Teologia. A relação viabilizou o contato direto com distintas gerações que participavam da vida religiosa e permitiu adentrar o universo de memórias dramáticas vivenciadas na imigração e na adaptação coreana no Brasil, e de maneira especial, ter acesso às narrativas sobre o estabelecimento da etnia em uma modalidade específica no mercado popular.

passamos a investigar a relação entre a religião e o processo de inserção dessa população de imigrantes à realidade metropolitana do Rio de Janeiro, particularmente sua presença no comércio do Saara.

A IMORJ, desde então, foi-se constituindo como um ponto de partida metodológico para compreender e analisar a presença dos imigrantes coreanos na cidade do Rio de Janeiro. E, mais especificamente, para interpretar o processo que fez do mercado popular do *Saara* um lugar de acolhimento importante para adaptação do grupo étnico à cidade, atuando em uma modalidade comercial específica. Para compreender essa dinâmica social, faz-se necessário descrever e analisar brevemente as rotas migratórias, a organização da Igreja Missionária e a rede sócio-religiosa nela desenvolvida. Essas são algumas das questões que procuraremos discutir ao longo deste artigo.

A rota da imigração coreana no Brasil

A cidade de São Paulo tem sido o ponto estratégico para a distribuição dos imigrantes coreanos pelo território brasileiro, inclusive daqueles que utilizaram o Paraguai e a Argentina como rotas alternativas, a depender das políticas internas de imigração e das redes de solidariedade das quais faziam parte (Shoji, 2004). Como todo ponto de partida, a vivência na capital paulista marcou profundamente aqueles imigrantes coreanos que a deixaram, buscando fixar-se em outras cidades. Nesse sentido, é importante compreender, mesmo que brevemente, a experiência histórica da colônia coreana na cidade de São Paulo, porque ali a grande maioria dos coreanos que posteriormente vieram para o Rio de Janeiro experimentou, inicialmente, a realidade na qual precisavam inserir-se e adaptar-se. Foi na metrópole paulistana que muitos deles conseguiram seus primeiros empregos, filiaram-se a grupos religiosos e redes de solidariedade étnica, além de aprenderem os princípios necessários da língua portuguesa para as transações comerciais.⁹

Desde o final do século XIX, a cidade de São Paulo já demonstrava sua vocação industrial e moldava suas múltiplas feições étnicas, através de sucessivas levas de imigração italiana, portuguesa, judaica, sírio-libanesa, japonesa, chinesa, entre outras. Mas foi a partir da década de 1960 que a paisagem urbana do bairro Bom Retiro foi sendo marcada por uma segunda feição oriental. Paulatinamente, a cultura coreana foi deixando seus sinais entre os transeuntes, nas conversas cotidianas, nas fachadas comerciais, nos restaurantes e, em

⁹ Sobre a imigração coreana para o Brasil e aspectos de sua vida religiosa, ver Choi, 1991; Truzzi, 2001; Shoji, 2007; e Silva & Park, 2007.

especial, associando-se a um setor específico: a indústria têxtil (Truzzi, 2001:3-4).

Antes de se estabelecerem no Bom Retiro, os imigrantes tiveram um lugar de referência étnica identificada como “Vila Coreana”, curiosamente localizada no bairro da Liberdade, reduto japonês na cidade de São Paulo. Localizada na zona central da cidade, os preços dos aluguéis ainda eram relativamente baixos naquela região. Além disso, a similaridade fenotípica e o fato de muitos coreanos falarem a língua japonesa permitiu que os imigrantes experimentassem os “benefícios de se passar por anônimo, perante a sociedade nativa, misturando-se a uma comunidade mais antiga e já adaptada” (Truzzi, 2001:150).

Ao invés de estabelecerem relações comerciais com os japoneses, com quem, a princípio, desenvolveram algum tipo de identificação, Truzzi aponta a interação com os judeus como a responsável pela fixação coreana na indústria têxtil e na escolha do Bom Retiro como local de investimento comercial e cultural.

"(...) Os judeus, implantados há mais tempo no Bom Retiro em atividades ligadas ao ramo de confecções e à indústria têxtil, passaram também a se interessar pelo emprego de coreanos como costureiros, seja em oficinas, seja em trabalhos domiciliares realizados por encomenda, ou ainda como vendedores de roupas. Aos poucos, à medida que alguns coreanos prosperavam, acabavam transitando para um negócio próprio." (Truzzi, 2001:151)

Efetivamente, a produção de confecção feminina para o consumo popular tornou-se a principal ocupação laboral da colônia coreana na passagem para a década de 1970, desta vez não só como operários, mas também como proprietários de suas próprias lojas e pequenas fábricas e confecções. Esse foi um dos importantes fatores que contribuíram para a adaptação e o estabelecimento das levas posteriores de imigrantes, além de fazer com que os já estabelecidos passassem a deslocar seus meios de reprodução econômica para esse setor.

Analisando a realidade coreana no bairro do Bom Retiro, Oswaldo Truzzi percebeu um importante padrão de comportamento que auxiliou, de forma efetiva, a mobilidade social necessária para a adaptação dos imigrantes coreanos à realidade brasileira e a uma modalidade industrial e comercial específica. Segundo Truzzi, “a colaboração de todos os membros do grupo familiar no trabalho, organizados ao redor do chefe da família, permitiu certa acumulação rápida, incentivada por uma meta precisa a ser perseguida: a instalação de um negócio próprio” (Truzzi, 2001:151). O modelo acirrou a competição dentro das próprias colônias, forçando as famílias a se dedicarem a longas jornadas de trabalho, reforçando a motivação subjetiva em torno de uma meta comum (Simmel, 1983: 136-137). Assim, cada família buscava ampliar o pequeno capital de que dispunha inicialmente, visando atingir a

prosperidade no menor prazo possível.

Logo os reflexos desse fenômeno de ascensão econômica e de concentração em um setor de atuação, agonisticamente experimentado pelos coreanos na capital paulista, chegaram à cidade do Rio de Janeiro, já que as duas colônias têm vínculos estabelecidos por importantes relações econômicas, religiosas e de parentesco. Entrevistado em sua casa, Sr. Woo, um dos pioneiros coreanos no varejo de confecções na metrópole carioca (Foto 2), relata como foram sendo transmitidas as oportunidades de negócios na colônia:

"Em São Paulo, [de] 1968, 69 para cá, [o comerciante coreano] já está começando a confeccionar roupa. Então os coreanos de São Paulo são o grupo principal. Começam a crescer na fabricação de roupas femininas, então os coreanos daqui do Rio de Janeiro visitam São Paulo, reconhecem [o] produto coreano barato e bom e com aceitação. Então, o coreano de Rio de Janeiro passou a comprar mercadoria de São Paulo. Muita, de fábrica de coreano, e chegou começou a vender aqui no Rio. Mas não era no centro do Saara não, era na Rua da Conceição. Era um pouquinho na calçada da rua. Depois começaram a ganhar dinheiro e conseguiram entrar lá na Rua da Alfândega, na Rua Senhor dos Passos e assim os coreanos começaram entrar nas ruas principais do Saara. Um doze famílias, mais ou menos, começaram a trabalhar lá." (Entrevista com Sr. Woo, 2006)

F. B. Veiga, 07/Dez/2005.



Foto 2 – Interior da *Dekim Modas*, a mais antiga loja coreana do Saara.

Isso significa dizer que os *coreanos do Rio* se inseriram sem demora no setor de

confeções femininas já que, segundo as narrativas, Kanie To Kim abriu a primeira loja de artigos do setor no Saara no ano de 1974. Segundo Sr. Woo, o sucesso do empreendimento no mercado popular se deve, sobretudo, às qualidades “bom” e “barato” encontradas no produto fabricado pelos coreanos, consideradas indispensáveis à “boa aceitação”, principalmente em se tratando de um mercado popular. Mas somente no início da década de 1980 se intensificou a entrada de famílias coreanas na Saara, através da constituição de redes familiares. Nesse contexto, as doze famílias referidas na entrevista chegaram a controlar mais de 30 lojas espalhadas dentro dos limites do Saara.

Com a convivência cotidiana no mercado, foi possível distinguir uma típica *ghagué*, ou seja, uma loja de confecção feminina coreana, de outras lojas do mesmo gênero presentes no Saara. Se caracteriza pela estrutura aparentemente provisória, com roupas expostas em cabideiros móveis ou ainda suspensas nas paredes. Uma *ghagué* pode ser observada na esquina da Rua Regente Feijó com a Rua da Alfândega, a *Dekim Modas*. Sr. Kim, proprietário da loja, é apontado nas narrativas dos entrevistados como pioneiro do ramo no Rio de Janeiro e já chegou a ter, simultaneamente, várias outras dentro dos limites do Saara, embora atualmente possua apenas uma. Segundo ele,

"A maior parte dos coreanos trabalha com confecção. E, no Saara, era tudo confecção, então meu objetivo em ir pra lá é lucrar mais. Naquele tempo, a loja era muito cara. Agora, o preço abaixou um pouco. Então trabalhei para juntar dinheiro. Comprei uma barraca e depois vendi. Depois ainda vendi o carro e comprei a entrada no Saara. Trabalhamos, economizamos muito, aí começou... Comprar uma loja e fazer duas lojas é difícil, muito difícil, duas lojas para fazer três é um pouquinho mais fácil, três para fazer quatro é mais fácil ainda, e assim vai..." (Entrevista com Sr. Kim, 15/12/2005)

Assim, como também evidencia a entrevista com o comerciante In To Cho, possuir a primeira e a segunda loja era mais difícil, de certa forma, do que abrir as outras subsequentes. E a densidade da rede de relações da qual os coreanos faziam parte facilitava sua inserção no mercado em um país distante. Segundo o lojista, uma série de fatores ligados à rede de solidariedade étnico-religiosa teriam auxiliado o estabelecimento de seu empreendimento comercial na cidade:

"Empréstimo, amigos no banco, alugar [imóveis] de amigos... Porque, lá em São Paulo, o pessoal trabalha com roupa, não precisa de muito dinheiro. [É] só consignação, primeiro compra e depois vende, aí paga para eles, é só arrumar o lugar e só isso. Arara, cabide, tudo isso foram os amigos do Rio e de São Paulo que me deram. Assim, gastei muito pouco". (Entrevista com Sr. In To Choo, 24/01/2006).

Por meio desse tipo de ajuda e de outros dispositivos, conforme veremos adiante, as lojas coreanas foram se moldando aos mesmos padrões, em termo de sua estrutura, organização e disposição estética das araras, dos cabides, das vitrines, dos manequins, da localização do balcão, etc. (Foto 3). As mercadorias comercializadas nessas confecções femininas incluem calças capri e outros tipos de roupas em viscose, malha, helanca e, segundo os comerciantes coreanos, “blusas fresquinhas”, “para usar e bater no trabalho”, “roupas baratinhas, que não precisa passar”, vestidos que “secam rápido”.

F. B. Veiga, 07/Dez/2005.

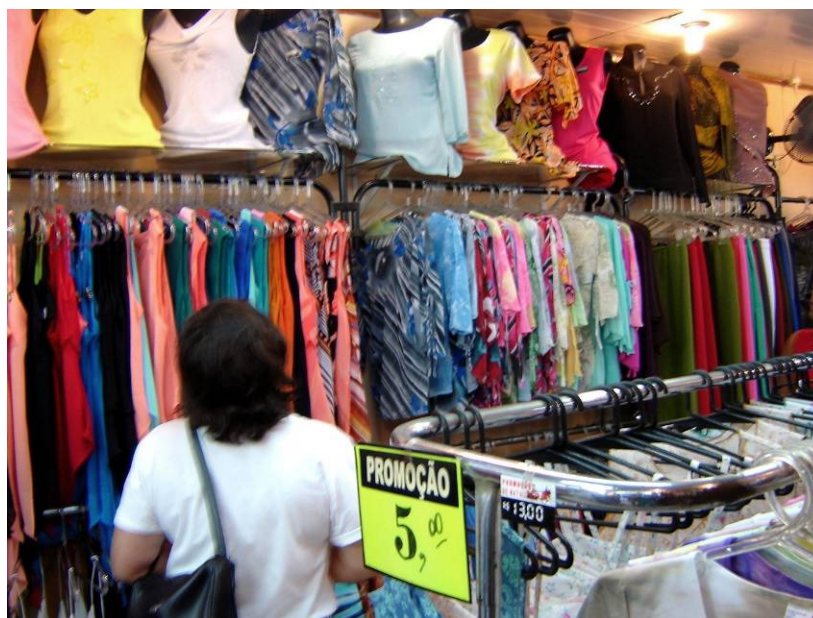


Foto 3 – Disposição estética das roupas femininas na *ghagué* e seus atraentes preços promocionais.

Em uma *ghagué*, ficam expostas numerosas peças de confecção feminina em permanente promoção nas araras e bancas de madeira dispostas sobre o passeio público, não apresentando, à primeira vista, diferença das demais lojas no mercado do Saara. O dispositivo de ocupação das calçadas, entretanto, é criticado pelos comerciantes tradicionais, considerando essa uma inovação desleal do comércio chinês e coreano no Saara (CUNHA & THIAGO DE MELLO, 2006). Em dia de movimento, o passante poderá ser abordado por uma sorridente vendedora de dentro da loja, observado por um segurança logo ao adentrar. Não se notará facilmente que se trata de uma *ghagué*, a não ser que se preste atenção no fundo

da loja, atrás do balcão, à presença coreana no manejo do dinheiro e às imagens decoradas com caracteres em *Hangul*¹⁰ impressos nos calendários religiosos cristãos, afixados próximos ao caixa.

Nas vitrines, dentro da loja, ficam exibidos os “vestidos de festa” que geralmente são as mercadorias mais caras, e seus detalhes em lantejoulas, strass, miçangas ou canudinhos, contrastando com as peças em liquidação expostas fora da loja, com preços variando entre R\$ 5,00 e R\$ 10,00. Conforme um rígido código de educação corporal (Mauss, 2003: 404-405), em uma *ghagué* não é permitido às vendedoras ficarem sentadas esperando, e menos ainda debruçadas sobre o balcão, ao menos enquanto os proprietários coreanos estiverem na loja (Foto 4). Assim, as funcionárias devem permanecer em silêncio e em movimento constante, já que, sem conversar, devem empenhar-se continuamente em arrumar as roupas nas araras, mesmo se elas já estiverem organizadas. O silêncio e a atenção redobrada faz com que as vendedoras brasileiras necessitem adotar uma atitude quase devocional em relação ao comércio, motivo de tensão e de discordâncias recíprocas por trás dos balcões da *ghaghé*.

F. B. Veiga, 07/Dez/2005.



Foto 4 – Vendedora sorridente da *Dekim Modas*, conhecida como “a Elba Ramalho do Saara”.

¹⁰ *Hangul* é o nome que se dá ao alfabeto silábico utilizado desde o século XV na Coreia, em substituição aos ideogramas chineses.

Ética protestante e solidariedade

Ao trilhar os caminhos abertos pelas redes de sociabilidade e solidariedade coreana no Rio de Janeiro, percebemos a importância da comunidade cristã sintetizada pela sigla IMORJ. A partir dela, procuramos observar como eram estabelecidas as relações entre os imigrantes, articulando religiosidade e o mercado popular, elementos que sobressaíam nas conversas com os interlocutores em campo. Fomos levados a questionar, conseqüentemente, o significado da presença predominante dos membros da IMORJ como proprietários nas lojas de confecção feminina no Saara, conforme observado desde o início da investigação.

A religiosidade coreana de orientação cristã encontrou uma base comum que, de certa forma, ajuda a compreender a habilidade desenvolvida por esses imigrantes em acumular capital e em buscarem formas de mobilidade social, associando os fundamentos da ética protestante ao desenvolvimento e à ascensão econômica (Weber, 2004: 29-39). Segundo Oswaldo Truzzi, as igrejas coreanas foram se constituindo como importantes ambientes de interação social, onde a identidade étnica foi se moldando às demandas do país hospedeiro, funcionando como “ponto de condensação de toda uma rede intracomunitária de sociabilidade e solidariedade” (Truzzi, 2001:152).

Do mesmo modo, as relações observadas na IMORJ não a diferenciavam, em sua função, daquelas observadas na capital paulista. A Igreja constituía-se, naquele momento, como uma poderosa rede intra-étnica, sem fortes pretensões evangelísticas, mas voltada, sobretudo, para as necessidades internas da colônia coreana. Uma entrevista com um jovem interlocutor membro do grupo reforçaria essa percepção. Segundo Sung Hoon Cho:

"O que a igreja mais precisa, cada vez mais, é oferecer um lar para os coreanos se sentirem à vontade, um lugar para fazer amizade, estabelecer relações, trocar informações. Procurar um companheiro para viver em seu próprio grupo étnico. Acho que é um lugar para se unir todos os coreanos. Isso não é o papel da Igreja, na verdade. Mas, na prática, está sendo assim e espero que continue... Acho que isso é positivo, tanto para a Igreja, quanto para a comunidade coreana. Então espero que ela trabalhe cada vez mais no desempenho desse papel de reunir os coreanos que vem para o Rio. Espero que esses coreanos permaneçam unidos... Não quero que isso acabe. Depois, a Igreja precisa cumprir o papel de evangelizar também os brasileiros, de fazer trabalhos sociais. Porque é dessa forma que a igreja terá força, que dentro da limitação ele pode fazer. Trabalhar com os brasileiros, ter mais interação com a sociedade." (Entrevista com Sung Hoon Cho, 01/02/2006)

A narrativa enfática de Hoon Cho indica que a Igreja desempenha um importante papel

no processo de socialização dos imigrantes recém-chegados, funcionando como lugar primeiro de encontro e referência, para além da função propriamente religiosa, como preconiza o líder religioso com seus ideais da teologia reformada. Um lugar para sentir-se “à vontade” e “estabelecer amizade”, indicando assim a importância estratégica da adesão imediata às redes já constituídas de sociabilidade e solidariedade (Foto 5). Desse ponto de vista, a Igreja Missionária Oriental do Rio de Janeiro apresentou-se, durante a investigação, como um *locus* privilegiado para observação do processo de inserção desses imigrantes e do desenvolvimento de relações étnicas que se baseavam, sobretudo, no estabelecimento da confiança, esse poderoso mecanismo redutor da complexidade social (Luhmann, 2006), viabilizando a entrada de outros imigrantes no mercado popular do Saara.

H. S. Valim, 15/Jul/2007.



Foto 5 – Ritual de ordenação celebrado de modo solene na Igreja Missionária Oriental do Rio de Janeiro.

Desde o início do trabalho de campo, observamos que todo o material impresso distribuído e utilizado pelos coreanos filiados à IMORJ, como jornais e informativos, chegavam da colônia em São Paulo, indicando que aquela congregação era oriunda do protestantismo histórico, mais especificamente de tradição presbiteriana.¹¹ No entanto, a

¹¹ A Igreja Presbiteriana é uma das vertentes confessionais mais antigas do Protestantismo, surgida na Escócia a partir da teologia reformada proposta por Calvino no século XVI. Em termos organizacionais, se caracteriza pelo governo de um *presbitério*, ou seja, uma assembleia de *presbíteros* ou anciãos. No caso da IMORJ, a hierarquia é formada pelos *Jibsanim* (membros casados), *An Su Jibsanim* (corpo administrativo da igreja), *Jang Ro Nim* (presidente da igreja) e *Mocsanim* (líder espiritual).

pesquisa empírica revelou uma realidade mais rica e complexa, do ponto de vista socio-antropológico. A entrevista com Hoon Cho reforçou essa percepção, quando o mesmo afirmou que, “nesse momento, acho que [a igreja] só está tendo o papel de um lugar de reunião dos coreanos, porque metade é cristão e metade não é” (Entrevista com Sung Hoon Cho, 01/02/2006). Ao assumir que a metade dos membros da igreja não era “cristã”, se referia àqueles que, apesar de arrolados nas funções rituais, professavam a fé católica, sem contar ainda com uma pequena parcela de anciãos que se afirmava como seguidores do Budismo.

As diferenças religiosas podem se apresentar como aceitáveis no interior das fronteiras étnicas (Barth, 2000:26), já que o mais importante, nesse contexto, é a reprodução das relações entre imigrantes, e não propriamente de suas concepções religiosas. A multiplicidade de expressões e elementos da etnicidade nos permite considerar os estudos de Fredrik Barth, para quem “as categorias étnicas oferecem um recipiente organizacional que pode receber conteúdo em diferentes quantidades e formas nos diversos sistemas socioculturais” (Barth, 2000:33). No jogo entre unidade e discordância, contudo, isso, não exime totalmente o grupo de tensões e conflitos provocados pelas divergências dogmáticas internas (Simmel, 1983). Assim, se evidencia que o principal elemento agregador do grupo não é a especificidade da confissão religiosa, mas a identidade étnica e nacional, a partir do “sentimento de comunidade” produzido pela “crença na afinidade de origem” (Weber, 1999: 270).

A orientação religiosa do *Kye*

O *Kye* é outro dispositivo importante, de caráter mais autônomo, utilizado pelas redes intra-étnicas para viabilizar o capital inicial indispensável para o imigrante coreano começar seu próprio negócio. O *Kye* é uma espécie de:

"Consórcio destinado a reunir capitais que serão convertidos para um determinado objetivo perseguido por seus membros. Típico expediente utilizado na terra natal e em qualquer país que abrigue coreanos, os *kyes* podem envolver a captação de recursos para a colheita agrícola, para a educação ou o casamento dos filhos, para a realização de futuros funerais, ou (...) para a montagem de um negócio. Aqui importa ressaltar a relevância desta forma de cooperação financeira praticada pelos coreanos, capaz de oferecer grandes oportunidades de se levantar capital sem que a comunidade tenha que recorrer aos serviços de intermediação bancária, fora de seu controle e aos quais ela teria menos acesso." (Truzzi, 2001:152)

Os fundamentos do *Kye* são as relações de reciprocidade e confiança. A validade e a garantia do contrato é moral. Ele se organiza quando uma pessoa necessita de capital e uma

densa rede de relações toma a iniciativa de reunir interessados em fazer parte do consórcio. Em sua forma tradicional, o organizador será o primeiro a ser contemplado, enquanto os outros serão premiados em sorteios mensais. O rito de premiação é comensal e solene e acontece geralmente em restaurantes caros, financiados pelo beneficiado do mês. Com liberalidade, diante da mesa se compartilha a dádiva, uma forma de conferir um caráter coletivo ao benefício naquele momento alcançado (Foto 6).

H. S. Valim, 15/Jul/2007.



Foto 6 – As *refeições morais*, compartilhadas em grande estilo, marcam as mais importantes festas religiosas da colônia coreana.

A importância dessa espécie de “sistema de prestações totais” (Mauss, 2003:191) equivale à coercitividade que decorre da quebra da reciprocidade. Nesse sentido, quando algum membro do grupo penhora sua palavra e não honra seu compromisso, o *Kye* fica ameaçado. Porventura, se as várias tentativas de negociar a pendência de pagamento forem frustradas, esse membro será excluído das redes de relações e não conseguirá participar de outro *Kye*. Qualquer tipo de contato com esse indivíduo será evitado na colônia, muitas vezes ferindo profundamente até mesmo suas relações de parentesco.

As redes de solidariedade econômica aparentam ser de tal modo eficientes que foram relatados casos, em que o “infrator” ou “mal pagador”, mesmo depois de ter se mudado de país, se viu despido de auxílios em outras colônias coreanas por conta de informações sobre

sua “moralidade”, divulgadas através das redes. Da perspectiva do grupo, não importa o motivo pelo qual o compromisso deixou de ser honrado, pois muito mais relevante é proteger o dispositivo fundamental para a reprodução econômica das famílias. Nesses casos, recai não só sobre os familiares, mas sobre o próprio organizador do *Kye* a responsabilidade pelo “calote”, pois é atribuído a ele o compromisso de reunir e fiar pessoas que tenham condições de garantir seus acordos. Em outros casos, mesmo que um dos pretendentes ao *Kye* tenha acabado de chegar ao Brasil, esse poderá ter a primazia de ser favorecido pelo consórcio, desde que alguém de suas relações parentais ou de confiança, que seja uma pessoa considerada idônea pelo grupo, dê garantias de sua condição de honrar os compromissos assumidos (Foto 7).

H. S. Valim, 15/Jul/2007.



Foto 7 – O consórcio de ajuda mútua entre imigrantes é um dos temas preferidos de conversa à mesa dos homens, reunidos no salão da igreja.

Como nos ensina Marcel Mauss, a lógica presente nesses sistemas de dons e contradons implica, sobretudo numa forma de “fiança moral”, permitindo tecer relações de interdependência entre as pessoas: “a coisa recebida como dom, a coisa recebida em geral compromete, liga mágica, religiosa, moral e juridicamente o doador e o donatário” (Mauss, 2001:365). Tais sistemas de prestações totais, segundo o autor, consituem-se a partir de múltiplos planos da vida social, por meio dos quais “os clãs, as famílias e indivíduos ligam-se

por meio de prestações e de contraprestações perpétuas e de todos os tipos, comumente empenhadas sob forma de dons e de serviços, religiosos ou outros” (Mauss, 2001: 364).

Na capital carioca, constatamos uma íntima relação entre o sistema de prestações e a comunidade religiosa coreana. Nesse caso, o primeiro requisito necessário para fazer parte do *Kye* é “ser crente”, pois “é sempre melhor negociar com um irmão de fé”. Desse modo, a responsabilidade se desloca do organizador para a instituição. Se “ser crente” é a garantia moral para fazer parte do consórcio e se esse é um status conferido pela adesão à comunidade religiosa, então a responsabilidade moral sobre a pessoa é da instituição que o acolheu. A ordem para receber o benefício no consórcio passa ser orientada pela lógica da necessidade; isto é, será contemplado primeiramente o “irmão” que mais precisar do benefício na ocasião.

Outra forma de atender às necessidades dos “irmãos” é por meio do empréstimo familiar, comumente chamado de “ajuda”. Acompanhamos a dinâmica dessa forma de prestação e percebemos a força coercitiva que a comunidade exerce sobre seus membros, visando garantir a continuidade das redes de auxílio. Um de nossos principais interlocutores, um jovem de 23 anos se preparava há tempos para fazer um intercâmbio estudantil. No entanto, os recursos para sua viagem não se consumavam devido à “obrigação” que seu pai possuía com um “irmão” da comunidade religiosa, que necessitava de “ajuda” financeira para resolver um determinado problema. Uma situação como essa era vivida pela colônia coreana como um verdadeiro dilema que poderia traduzir-se da seguinte forma: como as pessoas da comunidade religiosa interpretariam o fato de seu pai tê-lo enviado para a Coreia do Sul, o que iria lhe exigir um grande esforço financeiro, se o mesmo alegasse não poder fazer parte de um empréstimo em caráter de urgência? A obrigação de “ajudar” fazia o pai se sentir prevaricando diante do desejo do filho.

De acordo com as narrativas, durante a chamada “crise financeira”, nos finais da década de 1990, surgiram muitos conflitos quando algumas pessoas não puderam garantir os compromissos com o *Kye* em sua modalidade religiosa. E como o ato de “ser irmão” era um status conferido a partir da filiação à IMORJ, o conflito gerado pelo não-cumprimento dos acordos recaiu sobre a instituição, resultando no afastamento de muitas famílias das reuniões dominicais da comunidade religiosa.

Tradição e transições

Para alguns comerciantes do Saara, a continuidade dos negócios no mercado é percebida como uma “tradição” que deve ser perpetuada pela linhagem familiar. Trata-se de

um aspecto delineado pela etnicidade, em alguns casos observados ao longo da pesquisa envolvendo sírios e libaneses, por exemplo. A transmissão do patrimônio pode se configurar, nesse contexto, como um conflito geracional, consequência da recusa dos filhos em dar continuidade ao negócio da família (CUNHA & THIAGO DE MELLO, 2006). Não é o que acontece no caso dos coreanos. As narrativas sobre a transmissão do patrimônio deixam claro que atuar no comércio varejista de confecção feminina não foi uma escolha, mas apenas a oportunidade mais viável de inserção econômica como imigrante em um país estrangeiro (Foto 8).



Segundo Fredrik Barth, “as fronteiras étnicas são mantidas em cada caso por um conjunto limitado de características culturais” (Barth, 2000:66). Se não existe a preocupação em transmitir às novas gerações a modalidade comercial, tal atividade parece não se apresentar como uma das características culturais importantes para a manutenção da identidade étnica do grupo, embora tenha sido fundamental em um determinado momento de sua chegada e adaptação. Essa concepção ficou mais clara a partir de algumas narrativas, especialmente na do senhor In To Cho, que, na ocasião, possuía um casal de filhos e seis lojas na cidade do Rio de Janeiro. Segundo ele:

“Loja de roupa ou qualquer tipo de loja cresce muito pouco, cresce muito devagar. Estudar é bom, é melhor. É sobre tecnologia que tem que estudar mais. Estudar, estudar... Isso sim dá dinheiro: informática, construção civil, trabalhar em avião... Assim, crescer é fácil. Loja tem limite, cresce muito devagar. Estudante tem que estudar mais, pensar mais, pensar maior, pensar mais fundo. Se eu falasse bem Português, eu já teria fechado a loja e feito outra coisa. Para mim, o problema é a língua, é difícil. Quem sabe melhor a língua, pode escolher outra coisa, para trabalho em loja não precisa falar muito bem. Se falar bem o Português, tem que fazer outra coisa” (Entrevista com In To Choo, 24/01/2006).

F. B. Veiga, 07/Dez/2005.



Foto 9 - Jovem estudante na entrada do comércio de sua família, situado na Rua Senhor dos Passos.

Ao invés de herdarem as lojas de confecção, o importante patrimônio a ser transmitido entre as gerações de imigrantes coreanos é a educação (Foto 9). Para isso, as famílias não medem esforços em investir no ensino, matriculando seus filhos nas escolas particulares de ensino fundamental e médio mais conceituadas, especialmente nas americanas. Em decorrência disso, o estímulo e o esforço familiar concentram-se no preparo para os vestibulares das melhores universidades públicas do país, e, para isso, os filhos devem se dedicar integralmente aos estudos. Outra meta estabelecida pelas famílias aos jovens estudantes é compreender a cultura brasileira da melhor forma possível e buscar capacitação

técnica para concorrer no mercado de trabalho de igual para igual com os brasileiros, o que não foi possível para os filhos que aqui chegaram já na adolescência ou no início da juventude, dadas às barreiras linguísticas, conforme justifica In To Cho. Por isso, não é uma preocupação das famílias coreanas dar continuidade às lojas de confecção, o que nos faz compreender mesmo a estética e o caráter provisório das *ghagué*.

A Medicina, a Engenharia Civil, a Administração, o Direito e a Engenharia da Computação são as principais carreiras almeçadas pelos jovens coreanos, o que não difere muito do que parte considerável dos vestibulandos anseia. Em decorrência da formação acadêmica e de suas competências linguísticas, pretendem atuar como executivos, sobretudo, em multinacionais coreanas que operam em território brasileiro, como a Samsung, a LG, a Posco, a Hyundai, etc. Uma vez que o *ghagué*, tão importante na chegada ao Brasil, não se configura em uma perspectiva de manutenção a longo prazo, antigos proprietários de lojas de confecção feminina têm migrado para outros nichos de ocupação econômica. Ao vincular o conhecimento tácito adquirido sobre a cidade e a língua materna que possuem, perceberam no setor turístico uma boa oportunidade de negócios, se voltando para o acolhimento de turistas coreanos no Rio de Janeiro. Embora esse seja um fenômeno recente, em torno de seis famílias que atuavam no ramo de confecção feminina do Saara passaram a receber turistas agenciados na Coreia do Sul e nas colônias estabelecidas nos Estados Unidos, Paraguai, Argentina, além daqueles residentes na cidade de São Paulo.

Considerações finais

Segundo os comerciantes tradicionais do Saara, da mesma forma que os comerciantes coreanos rapidamente chegaram no Saara, também desapareceram “do dia para a noite”. Nos últimos anos, foi possível observar a gradativa diminuição do número de lojas de confecção feminina coreana no mercado popular do Saara, assim como houve a redução de membros da comunidade religiosa. No ano de 1989, somavam-se doze famílias atuando na Rua da Alfândega e em seus arredores. No contexto etnográfico, porém, quinze anos depois, restavam apenas três famílias. Algumas narrativas buscavam explicar a redução das lojas no mercado relacionando esse fato a momentos de “crise na economia brasileira”. Entretanto, podemos listar dois outros fatores que contribuíram fortemente para essa condição. Primeiramente, não existia mais nas famílias coreanas o interesse em transmitir às novas gerações as lojas de confecção, sendo a *ghagué* vista apenas como uma forma encontrada para se inserirem, em um primeiro momento, na economia local. Em segundo lugar, há um processo vigente de

mudança para outras atividades econômicas consideradas mais nobres, como o agenciamento de turismo, por exemplo.

A relação direta entre a instituição religiosa e o sistema de empréstimo entre imigrantes foi uma das principais responsáveis pela inserção de boa parte dos coreanos no mercado popular do Saara. Porém, as consequências das tensões e dos conflitos da constituição religiosa do *Kye* provocaram também uma gradativa diminuição na quantidade de membros da instituição religiosa, decréscimo justificado nas narrativas do grupo pelo regresso de muitas famílias para a Coreia do Sul, para São Paulo ou mesmo a utilização do Brasil como uma escala imigratória para os Estados Unidos. No esforço de compreender as dinâmicas sociológicas da colônia coreana no Rio de Janeiro, podemos afirmar que, em maior ou menor grau, a Igreja Missionária Oriental e as lojas de confecção feminina no Saara – assim como o *Kye*, as “ajudas” familiares, o uso do *Hangul* na decoração ou como contabilidade cifrada no comércio, as redes de sociabilidade e de solidariedade – constituem importantes e significativas formas de expressão, no espaço público, da identidade coreana na cidade do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

- BARTH, Fredrik. (2000), *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- CHOI, Keum Joa. (1991), *Além do Arco-Íris: a imigração coreana no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH-USP. Mimeo.
- CUNHA, Neiva Vieira da & THIAGO DE MELLO, Pedro Paulo. (2006), Libaneses & Chineses: sucessão, conflito e disputa numa rua de comércio do Rio de Janeiro. In: *Anuário Antropológico 2006*, v. 1, p. 155-169. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LUHMANN, Niklas (2006). *La Confiance; un mécanisme de réduction de la complexité sociale*. Paris: Economica.
- MAUSS, Marcel. (2001), *Ensaio de Sociologia*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva. (Estudos; 47)
- _____. (2003), *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MERTON, Robert K. (1968), *Sociologia: Teoria e estrutura*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- SHOJI, Rafael. (2004), Reinterpretação do Budismo chinês e coreano no Brasil. In: *Rever - Revista de Estudos da Religião*, n. 3. pp. 74-87. São Paulo: PUC-SP. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_shoji.pdf. Acessado em 07/09/2007.
- SILVA, Sylvania Maria Portela & PARK, Eun Yung. (2007), O papel das igrejas protestantes na formação das redes sociais da comunidade coreana no Brasil. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docspdf/ABEP2008_1318.pdf. Acessado em 07/09/2007.

SIMMEL, Georg. (1983), A competição. *In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). Georg Simmel: Sociologia.* São Paulo: Ática, pp. 135-149. (Col. Grandes Cientistas Sociais; 34)

_____. (1983), A natureza sociológica do conflito. *In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). Georg Simmel: Sociologia.* São Paulo: Ática, pp. 122-134. (Col. Grandes Cientistas Sociais; 34)

TRUZZI, Osvaldo. (2001), Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *In: Revista Estudos Históricos*, nº 27, pp. 143-166. Rio de Janeiro: Ed. FGV. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2144/1283>. Acessado em 07/09/2007.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. (1998), *A Galinha d'Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira.* 2ª. edição. Rio de Janeiro: Pallas.

_____. (1987), A moeda dos orixás. *In: Religião & Sociedade*, v. 14, nº. 2, pp. 4-17. Rio de Janeiro: ISER.

WEBER, Max. (1999), Relações comunitárias étnicas. *In: Economia e Sociedade*, v. 1. 4ª. edição. Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, pp. 267-277.

_____. (2004), *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras.